

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA- IPUFU

THAÍS BARBOSA RIBEIRO

A PROSTITUIÇÃO NA OBRA *O CORTIÇO*, DE ALUÍSIO

AZEVEDO- REFLEXÕES

Uberlândia

2021

THAÍS BARBOSA RIBEIRO

**A PROSTITUIÇÃO NA OBRA *O CORTIÇO*, DE ALUÍSIO AZEVEDO -
REFLEXÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de graduação em Psicologia - Bacharelado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia- Minas Gerais, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia Clínica e Social, sob a orientação do Prof. Dr. Caio César Souza Camargo Próchno.

Uberlândia

2021

INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UFU - IPUFU

Reitor: Prof. Dr. Valder Steffen Júnior

Pró-reitora de graduação: Prof^a. Dr^a. Karém Cristina de Souza Ribeiro

Coordenadora do Instituto de Psicologia: Prof^a. Dr^a Maria José Ribeiro

FICHA CATALOGRÁFICA

Ribeiro, Thaís Barbosa

A prostituição na obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo - Reflexões. 2021.

62 f.

Orientador: Prof. Dr. Caio César Souza Camargo Próchno

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado)- Universidade Federal de Uberlândia,
Curso de Graduação em Psicologia- Bacharelado.

Inclui Bibliografia.

1.Prostituição 2.O Cortiço 3.Mulheres.

THAIS BARBOSA RIBEIRO

A PROSTITUIÇÃO NA OBRA *O CORTIÇO*, DE ALUÍSIO AZEVEDO - REFLEXÕES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia- Minas Gerais como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia Clínica e Social.

COMISSÃO JULGADORA:

Prof. Dr. Caio César Souza Camargo Próchno
Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia- IPUFU
Professor Orientador- Presidente da banca examinadora

Prof. Dr. Ruben de Oliveira Nascimento
Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia- IPUFU
Universidade Federal de Uberlândia- Minas Gerais

Mestrando Brayan Lucas Arantes da Rocha Caires
Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia- IFILO
Universidade Federal de Uberlândia- Minas Gerais

Uberlândia, 25 de outubro de 2021

Resumo

Ribeiro, T. B. (2021). A prostituição na obra *O cortiço*, de Aluísio Azevedo- Reflexões. (Trabalho de Conclusão de Curso), Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.

O presente trabalho de conclusão de curso apresenta algumas reflexões sobre a obra *O cortiço*, autoria de Aluísio Azevedo, publicado em 13 de maio de 1890. A obra retrata a vida cotidiana das pessoas pertencentes às classes populares do Rio de Janeiro Imperial e que habitam o cortiço São Romão. O enredo permite fazer uma análise sobre o fenômeno prostituição neste contexto histórico. Utilizando a obra *O Cortiço* como base, a partir das leituras e reflexões da bibliografia selecionada, intenciona-se analisar o tema prostituição na trama das relações que se desenvolvem no enredo da obra e na trama das relações que a compreendem, implícita e explicitamente, e de forma mais ampla acerca do Rio de Janeiro do século XIX. Também se investiga o desenvolvimento da prostituição nas classes sociais envolvidas neste universo, a ascensão social e financeira atingida por meio da prostituição e a vida das mulheres neste contexto histórico-político-social.

Palavras-chave: O Cortiço. Prostituição. Mulheres.

Resumen

Ribeiro, T. B. (2021). La prostitución en el libro *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo- Reflexiones. (Trabajo de finalización de curso), Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.

Este trabajo de finalización del curso presenta algunas reflexiones sobre la obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, publicada el 13 de mayo de 1890. La obra retrata la vida cotidiana de las personas pertenecientes a las clases populares del Río de Janeiro Imperial que habitan el conventillo São Romão. La trama permite un análisis del fenómeno de la prostitución en este contexto histórico. Tomando como base la obra *O Cortiço*, a partir de las lecturas y reflexiones de la bibliografía seleccionada, la intención es analizar el tema de la prostitución en la trama de relaciones que se desarrolla en la trama de la obra y en la trama de relaciones que la componen, implícita y explícitamente, y de manera más amplia sobre el Río de Janeiro en el siglo XIX. También se investiga el desarrollo de la prostitución en las clases sociales involucradas en este universo, el ascenso social y económico logrado a través de la prostitución y la vida de las mujeres en este contexto histórico-político-social.

Palabras-clave: Prostitución. Conventillo. Mujeres.

Sumário

1	Introdução	1
1.1	Aluísio Azevedo e o Naturalismo.....	3
1.2	A pesquisa.....	5
2	A mulher no Brasil Oitocentista- A santa X A prostituta	7
2.1	A modernização das cidades e a mulher na esfera pública.....	10
2.2	A tecnologia, o desenvolvimento social e a prostituição	14
2.3	A política do Brasil oitocentista e a prostituição	18
3	A prostituição no século XIX no Rio de Janeiro	30
3.1	Olhares sobre a prostituição	35
3.1.1	<i>As prostitutas estrangeiras no Brasil</i>	37
3.3	O discurso médico e científico sobre a mulher	38
4	A prostituição na obra <i>O Cortiço</i>	40
5	Conclusão	59
6	Referências	63

1 Introdução

A cultura, a literatura e a psicanálise estão intimamente interligadas porque têm um ponto em comum sem o qual não existiriam: o ser humano. A história é feita pelo homem, o homem faz história na cultura, na literatura ele conta as suas histórias (conta as histórias dos outros também) e na psicanálise ele se entende com a própria história (e com as dos outros também).

As obras literárias são documentos importantes, através delas os autores descrevem artisticamente um contexto histórico e social, traduzem em suas palavras as várias formas de enxergar o mundo e isso possibilita uma aproximação lúdica a uma determinada época por meio da leitura. O texto objetivo é imparcial, não tem o efeito comovente de uma obra literária que em sua intensidade rapta o leitor para o enredo e o teletransporta para outra dimensão do tempo, do espaço e de outras formas de existir.

A obra literária artística está mais próxima da psicologia e da psicanálise do que a obra histórica porque na literatura a subjetividade do autor tem mais espaço de expressão, mas é preciso ir além dela e pesquisar também sobre o contexto histórico e político, a perspectiva de outros autores, historiadores e críticos literários porque o escritor é um ser do seu tempo e de uma maneira tímida ou acentuada o seu discurso é marcado por sua subjetividade

A prostituição sempre foi um tabu social, o silenciamento que ronda os tabus cria uma necessidade de se falar sobre eles porque só assim terão um espaço digno na sociedade- de acolhimento verdadeiro, de debate e de busca de melhorias para a vida das pessoas que estão envolvidas neste universo, com menos julgamentos, mais compreensão e respeito sobre os processos de vida e escolha do outro.

O Naturalismo foi uma escola literária que libertou os escritores para falarem sobre os temas considerados “amorais” e “doentios”. Antes não se tratava de forma tão escancarada sobre a prostituição na literatura. Aluísio Azevedo “inaugura” o Naturalismo no Brasil e além de escrever uma obra que denuncia como viviam horrendamente as classes pobres, desvela um assunto interdito envolvendo as mulheres. Aliás O Cortiço tem uma trama muito feminina, a maioria dos personagens e os mais exuberantes são mulheres- se João Romão construiu a estrutura do “São Romão” com cimento e tijolos roubados, quem dá a vida ao cortiço são elas com as suas histórias densas, o seu “zumzum”, danças, conversas e dramas, toda a vida gira ao redor delas.

Ao se estudar a história do Brasil percebe-se que é uma sociedade que tem na construção das suas bases os preconceitos e a marginalização dos que são considerados “desviantes”, tudo isso com o apoio de diversos âmbitos governamentais. A psicologia e a psicanálise através dos seus olhares para a subjetividade, possibilitam a desconstrução e a luta aos preconceitos contra a mulher, o negro, o índio, o homossexual, etc. e exercem influências no campo individual e social, porque transformar as formas de pensar e agir gera resultados no coletivo.

1.1 Aluísio Azevedo e o Naturalismo

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo foi o pioneiro do Naturalismo no Brasil. O autor nasceu em São Luís do Maranhão em 14 de abril de 1857. O autor trabalhou como guarda-livros, caixeiro, desenhista, pintor, caricaturista, escritor, jornalista e diplomata. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1876 e tornou-se aluno da “Academia de Belas Artes”. No ano de 1879 publicou o seu primeiro romance: “Uma lágrima de mulher”, sua estreia na literatura, ocupou a cadeira quatro na Academia Brasileira de Letras. Faleceu em 21 de janeiro de 1913 em Buenos Aires-Argentina.

O livro “O Mulato” publicado em 1881 foi bem recebido pelo público e teve altas tiragens. Esse livro gerou polêmicas porque abordou tabus como o preconceito racial e o anticlericalismo, foi a primeira obra realista-naturalista lançada no Brasil. Sua próxima publicação foi “Casa de Pensão” (1884), relato da mudança de Amâncio de Vasconcelos do Maranhão para o Rio de Janeiro para estudar Medicina, mas como o curso se torna entediante ele se empenha em buscar aventuras amorosas- à luz das teorias deterministas o autor narra com ironia a imoralidade e degradação da rotina local.

A obra “O Mulato” foi parte de um proposta maior, intitulada: “Brasileiros, antigos e modernos” que tinha como objetivo abordar a sociedade brasileira oitocentista e os seus costumes. Embora a tal proposta não tenha prosperado, é a obra *O Cortiço* que se estabelece como uma publicação representativa da sociedade brasileira do século XIX. Publicado em 1890, foi o marco do Naturalismo no Brasil, uma das obras mais importantes desta escola literária e também da vida do autor:

Numa obra que “tem (mau) cheiro”, a habilidade do escritor se mostra em vários aspectos – incluindo a linguagem escolhida, a temática, a construção dos fatos e a

variedade e caracterização dos personagens –, revelando um amadurecimento que nos permite enxergar, com precisão, diversos tipos de miséria, e configurando, portanto, uma obra de denúncia social. Há fome, prostituição, assassinato, adultério, preconceito, exploração sexual e financeira, condições insalubres, etc. (Santos, 2021, p.51)

Na obra *O Cortiço*, Aluísio Azevedo mostrou as injustiças e as diferenças sociais existentes entre as classes dominantes e as dominadas do Brasil Império, mas não suscitou em sua narrativa nenhuma proposta de alteração deste esquema de marginalização social.

Por outro lado, é ponto pacífico que o romance tem forte preocupação documental. Conta-se que o autor, como bom realista, chegou a frequentar, disfarçado, um cortiço do Rio de Janeiro, para tomar apontamentos ao vivo, a almoçar na tabernas imundas e a ouvir memórias de capoeiras e operários. (Franchetti, 2014, p.42)

1.2 A pesquisa

Esta é uma pesquisa realizada para o cumprimento do trabalho de conclusão de curso no âmbito da Graduação em Psicologia- Bacharelado da Universidade Federal de Uberlândia- Minas Gerais, especificamente da Ênfase em Psicologia Clínica e Social. Tal pesquisa foi realizada em um período fragmentado, que se estendeu do ano 2018 ao ano de 2019 e depois, retomada em julho de 2021.

Desde o princípio o objetivo era analisar o romance naturalista *O Cortiço* e a gênese das relações que compreendem, implícita e explicitamente, a prostituição e que se desenvolvem ao longo da obra e de forma ampla no Rio de Janeiro do século XIX. Investigar também como se davam os atravessamentos da prostituição nas classes sociais envolvidas neste universo, a ascensão social e financeira atingida por meio do meretrício e a vida das mulheres neste contexto.

Desde 2008, primeira vez em que li *O Cortiço*, esta obra é uma das que mais aprecio e nunca me canso de relê-la, a intensa narrativa aluisiana me teletransporta para o Brasil colônia, um período da história sobre o qual tenho um misterioso interesse.

Este primeiro capítulo aborda uma introdução sobre a pesquisa e as suas motivações, a relação entre Psicologia, Psicanálise e Literatura, uma breve descrição sobre o Naturalismo brasileiro e o papel de Aluísio Azevedo nesta escola literária.

O segundo capítulo compreende a história da mulher no Brasil oitocentista e os seus desdobramentos, o antagonismo “santaXprostituta”, a modernização tecnológica e o desenvolvimento social das cidades, a entrada feminina na esfera pública e a prostituição.

O terceiro capítulo aborda a prostituição durante o século XIX no Rio de Janeiro, o alto e o baixo meretrício, as diversas visões sobre este processo e a presença das cortesãs estrangeiras no Brasil.

O quarto capítulo traz uma análise sobre a prostituição na obra *O Cortiço* e o universo habitado por Léonie e Pombinha, bem como as relações que se estabelecem entre elas ao longo da narrativa.

2 A mulher no Brasil Oitocentista: A santa X A prostituta

Considerando-se que a mulher no Brasil do século XIX era confinada ao ambiente doméstico e pouquíssimas aprendiam a ler e a escrever, também não lhe cabia o direito de se definir. Esse quadro foi completamente escrito e descrito pelas mãos dos homens, a mulher foi retratada a partir de um estereótipo feminino criado pelos homens em relação a sua própria imagem, sempre ligada ao materno, reprodução e aos cuidados do lar, já a prostituta foi caracterizada como o avesso de tudo isso, desviante do modelo definido pelos homens sábios e da lei, uma espécie de mulher com defeito.

Conforme Rago (1990) os discursos científicos, políticos e criminológicos da época se empenharam em descrever a identidade e o corpo da prostituta da prostituta e vários clichês foram criados ao redor desta figura mítica: a da meretriz pobre e sem oportunidades de ascensão social, uma vítima da vida que encontrava na prostituição uma chance para sobreviver em um mundo cruel; a *femme-fatale*, mulher bonita e sedutora que não necessariamente se prostitui, mas que tem a sua imagem relacionada à da cortesã porque os homens são arrebatados por ela; a mulher independente que encontra no meretrício os meios para atingir o êxito financeiro e enriquecer, ela é desiludida sobre a maternidade e o casamento, oferta respeitosa que a sociedade tem para as mulheres e a louca, irracional, um exemplar patológico: traz consigo traumas da infância, relacionados a sexualidade-complexos edipianos, (abusos sexuais, incestos, etc.), sexualidades exuberantes (ninfomania).

Em uma sociedade construída sobre bases misóginas a prostituta era (e ainda é) o símbolo vivo de tudo o que se considerava impróprio de ser feito por alguém do sexo feminino: pública (as mulheres consideradas decentes eram as do ambiente doméstico, em casa elas costuravam e bordavam, algumas tinham aulas de piano, eram submissas aos

maridos, silenciosas, o seu universo era o lar); noturna (era considerado imoral que uma mulher circulasse pela rua durante a noite, que frequentasse ambientes boêmios, que fumasse ou bebesse); artificiais (as prostitutas usavam maquiagem, roupas coloridas, perfumes, acessórios espalhafatosos como joias e brincos, pintavam o cabelo, etc.), tudo isso era obsceno e o esperado era que a mulher não se destacasse e escondesse o corpo sob as vestes. A mulher virtuosa era aquela à imagem e semelhança da mãe e da santa, sem manifestações de sensualidade e sexualidade e sem vícios; havia um código de regras inconsciente, um estabelecimento de limites sobre como uma “santa” deveria se vestir ou se comportar, para que não corresse o risco de ser confundida com uma prostituta.

Os discursos médicos, judiciais e policiais da época eram um compilado de depreciações acerca da sexualidade feminina no geral, não apenas da mulher prostituta:

Fenômeno tipicamente urbano (...) o crescimento da prostituição passava ser vivenciado como um problema público- lado negativo do progresso- e era transformado em poderoso fantasma de contenção às mulheres que pressionavam para ingressar na esfera da vida pública. Os tempos tinham efetivamente mudado. Não parecia fácil aceitar a convivência feminina em espaços tidos como essencialmente masculinos. (Rago, 1990, p.49)

Margareth Rago em “Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo”:

Nas entrelinhas dos discursos que advertiam as senhoras contra os usos exagerados de perfumes, das joias, das roupas decotadas, pairava a ameaça latente da identificação com a cortesã. A ‘mulher pública’ era visualizada não como aquela que atuava no espaço público, que trabalhava, dirigia e fazia, mas como aquela que vendia o corpo

como mercadoria: como vendedora e mercadoria simultaneamente. como a mulher que era capaz de sentir prazer, que era lugar de prazer, mesmo sem amar, ou sem ser amada. Ela simbolizava assim, a fragmentação do sujeito moderno e a separação radical entre o erótico e o amor. (Rago, 1990, p.51)

Entretanto, Rago também traz em sua obra a influência que as *cocottes* francesas tiveram, porque muitas mulheres que não faziam parte do universo da prostituição passaram a frequentar as mesmas costureiras, copiando as modas e os hábitos afrancesados, visto que a cultura francesa era muito apreciada naquela época.

2.1 A modernização das cidades e a mulher na esfera pública

O desconfinamento feminino do ambiente doméstico no início da modernização das cidades se apresentou como um período pleno de empecilhos que mostraram que essa liberdade era limitada, havia um código simbólico do que era apropriado para a mulher decente: quando circulava pelos espaços públicos devia se ater sobre a sua forma de se comportar, de se vestir, de se perfumar, de falar e de gesticular, principalmente se estava andando sozinha pelas ruas sem a companhia de figuras masculinas como o marido ou o pai, porque se ultrapassasse determinadas fronteiras, corria o risco de ser confundida com uma prostituta ou “mulher pública”. Isso seria uma desonra não apenas para ela, mas para o marido e a família. Para ilustrar o quanto o universo feminino era limitado por regras, códigos e discursos sociais, neste trecho a autora Margareth Luzia Rago descreve o pensamento das Feministas do século XIX:

Não é à toa que as feministas do começo do século XIX no Brasil, procurassem continuamente desfazer as possíveis confusões entre liberdade e licenciosidade, e propusessem igualdade de direitos mas contenção da mulher no lar, salários mais altos para as trabalhadoras, mas complementariedade de sua participação no orçamento doméstico. É aliás, frequente nas revistas femininas do período, como veremos, o argumento de que uma profissão é importante para a mulher, principalmente se ela enviuvava, ou se não conseguia um bom casamento, pois a habilitação profissional impedirá que necessite recorrer a atividades menos nobres para a sobrevivência material. (Rago, 1990, p.53)

O discurso da mulher como uma figura do lar que cuida das obrigações domésticas, do marido e da educação dos filhos era o que vigorava na época do Brasil Império, ou seja,

ela era privada da convivência pública, da atividade remunerada e não tinha acesso ao dinheiro, condições que a mantinham em um lugar de submissão conjugal, porque todos os recursos financeiros vinham das mãos do marido e para ela não havia possibilidade de entrada no mundo público, nem mesmo compreendia como funcionavam as relações no âmbito social.

Quando o Brasil começa a se modernizar com a introdução da tecnologia, da industrialização e da evolução do espaço urbano, também se inicia uma transformação sobre a condição da mulher na sociedade, embora ainda limitada pelos códigos de comportamento que deveriam seguir. Sobre a mulher nos espaços públicos, Rago escreve:

Antes da industrialização as senhoras esposas de fazendeiros não circulavam pela rua, não saiam de casa nem para fazer compra, só circulavam pelas ruas as mulheres pobres, vendedoras de comida, de legumes e a noite as prostitutas que “perambulando pelos becos e vielas, de ínfima classe (...) a existência de uma certa movimentação noturna, quando as meretrizes pobres iam vender os seus encantos, únicos recursos de que dispunham. (Rago, 1990, p.67)

Com a chegada da modernidade, os espaços e os papéis sociais passam a ser redefinidos, novas formas de socializar e de estar em público surgem e a mulher, como se encontrava em uma posição submissa ao homem, recebe então uma série de prescrições de como deve estar presente nos ambientes compartilhados (lugar que antes era reservado ao sexo masculino), as funções femininas na sociedade, a sua subjetividade, a sua forma de se inserir entre os homens, tudo isso é orientado por eles, que ditam os discursos que se incorporam ao inconsciente da coletividade e resistem, sendo reproduzidos pelas mulheres para delinear a imagem de suas semelhantes:

A vaidade era um sentimento condenável na mulher, na lógica das feministas, para a preocupação com o corpo e com a imagem era sinônimo de esvaziamento espiritual. Portanto havia sempre por trás destas recomendações moralistas o espectro da prostituta: embora nem seja citada, induz-se constantemente a ameaça sobre a mulher de ser confundida com a “decaída” de usar uma roupa muito decotada, uma saia muito justa, se exhibir muitas joias ou se pintar um pouco mais. (Rago, 1990, p.87)

Margareth Rago (1990) fala de um Feminismo com limites, porque a liberdade plena da mulher era medonha para os homens e deveria ter as suas possibilidades afastadas do real - “Demarcação reiterada” - o Feminismo defendia as oportunidades de estudo, trabalho e conhecimento do mundo, contudo isso teria que servir para que ela se tornasse uma melhor mãe e dona de casa, apta para educar adequadamente os filhos para a sociedade. Enquanto favorece a participação social da mulher, livrando-a de ser exclusivamente do lar, dita que tudo o que ela fizer ou conquistar deve ser dado ao marido e aos filhos, ou seja, a mantém no esquema tradicional.

Ainda sobre o Feminismo e as publicações que eram divulgadas em revistas feministas da época:

(...) conquistar o direito à liberdade licenciosa dos costumes, de poder imitar os homens nos seus erros, que a sociedade tolera. Em todos os pontos em que a ação feminina se exerce, a moral é absolutamente observada; e os maus costumes, o alcoolismo, a falta de higiene tem sido eficazmente combatidos (...) educar, eis a missão do feminismo. (Rago, 1990, p.101)

A subjetividade da mulher foi construída pelas palavras dos homens a partir de um emaranhado de projeções masculinas lançadas sobre ela, em sua maioria, depreciativas, situando-a em um lugar de falta em relação a eles, de futilidade, de inferioridade biológica e intelectual.

2.2 A tecnologia, o desenvolvimento social e a prostituição

A prostituição acontecia nas áreas centrais e comerciais da cidade moderna, lá ficavam situados os prostíbulos, os bares, os cabarés, os teatros, os cafés-concerto, os cinemas. Estes novos locais eram frequentados pelos políticos, estudantes, trabalhadores, marginais e a burguesia opulenta, ávida por consumir os corpos que também eram mercadorias. Rago aponta:

Várias microinstituições haviam nascido para sustentar a prostituição: cafés-concertos, “cabarets”, pensões, espaços onde as “mulheres públicas” se exibiam, procuravam seus fregueses, articulavam-se com os seus cafetões. (...) muitas vezes o grupo de homens procurava o café-concerto apenas para presenciar o show de dança do ventre ou o ‘nu-artístico’ que lá se apresentava, e não necessariamente buscava a companhia de uma prostituta.(Rago, 1990, p.119)

Rago (1990) traz em seu livro que nas “pensões alegres” mais refinadas se reuniam muitos coronéis, intelectuais, artistas, advogados e boêmios, não eram apenas espaços onde se buscavam relações sexuais com prostitutas, também eram locais onde os homens praticavam uma nova forma de sociabilidade que escapava dos códigos convencionais de conduta, procuravam incorporar novos hábitos de uma burguesia estrangeira (porque muitas das meretrizes desta época eram imigrantes oriundas de vários países da Europa- França, Portugal, Polônia, Rússia, etc.). Nessa época a França era o centro cultural do mundo e muitos prostíbulos do Brasil adotavam nomes parisienses, apresentando-se implicitamente como filiais dos grandes estabelecimentos eróticos famosos na França.

A imigração das prostitutas estrangeiras para o Brasil no final do século XIX foi um fenômeno muito interessante, porque como a autora descreve em sua pesquisa, essas mulheres se tornaram as favoritas entre a burguesia, que através do contato com elas almejava conhecer um mundo estrangeiro e misterioso. Várias prostitutas brasileiras acabaram adotando o estilo e os nomes franceses, adaptando-se ao novo mercado de consumo do sexo, assim como todo e qualquer tipo de comércio tem que se adaptar às ânsias dos fregueses:

As prostitutas, por sua vez, participavam deste amplo processo de modernização, isto é, de codificação das condutas pautadas por paradigmas europeus. À imitação de suas congêneres europeias, exibiam roupas elegantes e decotadas, maquiavam-se excessivamente para o gosto da época, de tal forma que muitos exprimiam certa dificuldade em descobrir se (...) eram de fato francesas ou não. (Rago, 1990, p.138)

Ainda sobre a figura das francesas no universo da prostituição brasileiro:

A prostituição estimulada pelo mercado de consumo em expansão e transformada ela mesma numa indústria altamente lucrativa, correspondia a figura da prostituta ‘francesa’, grande medo e fascinação no imaginário social. Mulher experiente, misteriosa, diante da qual mesmo os homens mais abastados e vividos se tornavam provincianos (...) e os olhares voltavam-se agora para o brilho da moderna Madame Pommery e para as suas discípulas francesas, italianas, russas e polacas, loiras, ruivas, castanhas, civilizadas e não mais para as lindas escravas negras que haviam fascinado os viajantes estrangeiros. (Rago, 1990, p.138)

Cresciam os locais destinados à prática do meretrício, novidades eróticas eram importadas da França e da Inglaterra- “vícios elegantes”, as mulheres buscavam saciar as

demandas de uma clientela nova, homens de diversos setores sociais as procuravam, exploradores de novas formas de erotismo refinado, de sedução e de expressão do desejo. Uma nova indústria e um novo comércio cresceu em torno da prostituição- divulgavam-se novas ferramentas do desejo: *lingeries*, fetiches com ligas, rendas, meias pretas, perfumes afrodisíacos, drogas, objetos sadomasoquistas, revistas e filmes pornográficos, fotografias de nus artísticos, decoração elaborada de interiores com espelhos, veludo, ornamentos e cheiros especiais, tudo isso tinha como intuito evocar climas exóticos, intensificar sensações e fazia sucesso na cidade: “Os jovens de família rica que frequentemente viajavam do Brasil para a França- o centro cultural do mundo no século XIX, traziam as suas vivências de prazeres no mundo da prostituição europeia e que desejavam reproduzir aqui.” (Rago, 1990, p.127)

Havia uma ânsia pelo novo, pelo moderno e isso se refletia em todos os setores, inclusive nos sexuais:

A expansão do comércio do prazer e a sofisticação crescente do mundo da prostituição provocaram reações moralistas por parte de setores diversificados da população. Ao lado dos chefes de polícia, envolvidos com a moralização dos costumes, a imprensa promoveu sucessivas campanhas exigindo respostas mais eficazes de vigilância do submundo. Logo mais médicos, juristas e criminologistas tentaram unificar seus esforços no sentido de definir a melhor forma de intervenção dos poderes públicos na organização do mundo do prazer, o que, na verdade, nem sempre deu bons resultados. (Rago, 1990, p.166)

Sempre que o novo se desvela há alguma oposição por parte da parcela da sociedade que é tradicional e que deseja conservar os valores morais, sobretudo quando essas novidades

são sobre assuntos considerados tabus. Entretanto, como relata Rago ao longo de sua pesquisa, o comércio do sexo nunca parou de crescer mesmo diante de muitos obstáculos.

2.3 A política do Brasil oitocentista e a prostituição

Se ainda hoje, no auge do século XXI as prostitutas são menosprezadas por discursos machistas e misóginos, no Brasil oitocentista era muito pior, a mulher mal podia sair de casa sozinha, se prostituir era demasiadamente absurdo para a época:

A sociedade conservadora do final do Brasil Império, demonizava a prostituta - ela era tida como a iminência da decadência moral e da tradição, uma potencial destruidora de lares, prejudicial para os rapazes e para a imagem das moças de família, ligada ao aumento do consumo de drogas nas grandes metrópoles e aos surtos de doenças venéreas como a sífilis. (Rago, 1990, p.166)

Vigorava entre as autoridades públicas o pensamento higienista e eugenista, a figura da prostituta era marginalizada, associada ao crime, marcada pela transgressão moral e pela decadência, afirma Rago (1990); “Ao lado dos cáftens, as prostitutas ‘escandalosas’ eram visadas pela ação policial por atentarem contra a moralidade pública.” (p.166).

Uma prostituta escandalosa escapava muito aos moldes do que era esperado de uma mulher naquele contexto histórico, era uma figura desprezível e que fazia as autoridades policiais se preocuparem com a fiscalização dos espaços de diversão eróticos e como todos os fatos têm os seus apoiadores e os seus críticos, uma parcela da população aplaudia a atuação da polícia e a outra os detestava pelo tipo de abordagem violenta. Rago (1990): “(...) A criminalização crescente das práticas populares de lazer, incluindo-se aí as sexuais, não se dava sem encontrar forte resistência por parte daqueles que se sentiam lesados” (p.170).

Era uma sociedade governada e dominada pelos homens, ditava, cerceava e controlava o comportamento das mulheres de várias formas: pelos discursos misóginos, os códigos moralistas e a tirania dos atuadores da lei.

A proposta do regulamentarismo, com as suas regras e medidas que tinham como objetivo enclausurar, tirar dos olhos do povo a prostituição e todos os seus desdobramentos, varrendo-a para um recôndito da cidade e também controlar a atuação das prostitutas pobres, as do baixo meretrício . (Rago, 1990, p.173)

As prostitutas de luxo, as *cocottes*, tinham a proteção dos coronéis endinheirados, restava para a polícia perseguir as que se encontravam desamparadas, as cortesãs do baixo meretrício. No Brasil do século XXI, a polícia ainda conserva este hábito de perseguir pessoas marginalizadas e pobres.

Em sua obra Rago (1990) afirma que o alvo de atuação desses poderes era a prostituição pobre, as “pensões alegres”, as tavernas, as “casas de tolerância” que compunham a geografia do baixo meretrício e que, eventualmente, se estendiam a outros bairros populares da cidade, já se sabe das inúmeras concepções a respeito da incivilidade, irracionalidade e animalidade dos pobres, considerados como "classes perigosas" mais do que como “classes trabalhadoras” .

O regulamentarismo prescrevia algumas regras para as prostitutas, na cidade de São Paulo:

“a) que não são permitidos os hotéis ou conventilhos, podendo as mulheres públicas viver unicamente em domicílio particular , em número nunca excedente a três.” (Rago, 1990, p.74)

“b) As janelas de suas casas deverão ser guarnecidas, por dentro, de cortinas duplas e, por fora, de persianas.” (Rago, 1990, p.174)

Para Rago (1990) o objetivo de privatizar as relações extra-conjugais, constituídas a partir do modelo do casal burguês, evidenciava-se na intenção de eliminar qualquer elemento de publicidade que o sexo pudesse ter. O bordel transformado e decorado à imagem da casa evitaria qualquer possibilidade de devassamento aos olhares curiosos.

Este regulamento intentava controlar e limitar que as prostitutas se expressassem, tirá-las das vistas do povo, ocultá-las em suas casas, a modelo das mulheres da família burguesa que ocupavam o ambiente doméstico, eram silenciosas e discretas. O fato de uma mulher tomar a iniciativa de se aproximar do homem também era um escândalo, porque de acordo com os costumes, era ele quem deveria abordá-la, isso era da natureza masculina e evidenciava a sua virilidade.

As autoridades também controlavam os horários em que as prostitutas pobres poderiam circular em público e ditava regras sobre como elas deveriam se vestir ou parecer - as roupas não poderiam ser muito decotadas ou curtas, Rago (1990, p.175) : “e) Deverão guardar toda decência no trajar uma vez que se apresentem às janelas ou saiam à rua, para o que deverão usar de vestuários que resguardem completamente o corpo e o busto.”

Assim como ditavam as regras para a atuação pública das mulheres decentes, também ditavam as regras para a mulher pública, porque ela não poderia perturbar as famílias: “Nos teatros e divertimentos públicos que frequentarem deverão guardar todo o recato, não lhes sendo permitido entabular conversação com homens nos corredores ou nos lugares que possam ser observados pelo público.” Rago (1990, p. 175)

Margareth Rago elucida sobre o porquê da existência de tanta preocupação com a imagem da prostituta, com a sua forma de agir e de se vestir, a intenção era que a prostituta se apresentasse à imagem e semelhança da mulher do lar:

Nos espaços públicos de diversão, o regulamento propunha recato e silêncio às meretrizes pobres. Valorizava-se o ideal da mulher doméstica, contida, que fala pouco, que não exprime suas emoções, que refreia qualquer expressão espontânea, que controla as pulsões corporais e o desejo. Ideal do indivíduo sem rosto, invisível e impassível, esvaziado de toda subjetividade. (Rago, 1990, p.175)

Rago(1990) traz que nesta época surgiu o “Livro de Registro das Prostitutas”, e nele eram anotados: nome, nacionalidade, profissão, idade e endereço residencial, uma espécie de fichamento das meretrizes na delegacia. Mesmo após as propostas do regulamentarismo serem rejeitadas, tal prática continuou a ser adotada, inclusive após 1915. Isso mostra o quanto a prostituição estava associada com a criminalidade, apesar de não ter cometido nenhum crime ou transgredido a lei, a prostituta tinha uma ficha na polícia. O regulamentarismo foi fortemente criticado por alguns jornais da época:

Reclamava-se das dificuldades que o regulamento criava para as meretrizes que, por exemplo, adocessem repentinamente pois, enclausuradas nos bordéis, correriam o risco de não encontrar apoio para serem socorridas. Acabava censurando o regulamento pelo poder que conferia aos policiais que privilegiavam algumas prostitutas, perseguiram outras, e sobre os quais não se teria qualquer capacidade de controle. De fato, estas perseguições policiais predominaram por várias décadas, chegando mesmo aos anos mais recentes. (Rago, 1990, p.177)

A polícia se utilizava da violência física para punir e controlar todos os tipos de pessoas que iam contra as regras - prostitutas, homossexuais, criminosos, etc. Os abolicionistas (grupo que defendia a liberdade das prostitutas e lutava contra a intervenção do Estado na prostituição), inclusive se valeram deste argumento da truculência da “polícia de controle dos corpos marginais” para contestarem a ineficácia do regulamentarismo:

Os abolicionistas condenavam o fato de que o Estado tratava o assunto prostituição de três formas: “repressão penal”- a visão da prostituição como uma violação da lei e sujeita a punição da mulher; a “regulamentação”, que enxergava a prostituição como um “mal necessário”, tratando-a com tolerância e exercendo um controle através de algumas regras que guiavam o comportamento da mulher e a “abstenção”- a prostituição como uma assunto individual e moral, o Estado não deveria tomar partido ao menos que isso perturbasse a ordem social. (Rago, 1990, p.184)

Também rejeitavam o regulamentarismo porque este se valia da “teoria das duas morais”- a culpa e a repressão atribuídas somente à mulher, o homem é isentado embora também seja uma das partes envolvidas na prostituição.

Margareth Rago traz em sua pesquisa que havia “uma estreita articulação entre as autoridades policiais dos dois estados”, no Rio de Janeiro e em São Paulo no ano de 1896, em prol do controle da prostituição:

Referia-se, ainda, a medidas atinentes ao lenocínio e à prostituição, que seriam executadas em diligências posteriores. No mesmo ano, ainda, era levada uma ampla campanha de repressão aos rufiões, ao jogo e à prostituição no Rio de Janeiro (...) preocupação com a moralização dos costumes - repressão ao jogo, lenocínio,

“danças desenvoltas” e “bailes tolerados” , alcoolismo e vagabundagem. (Rago, 1990, p.186)

A autora discorre sobre a obsessão dos setores poderosos da sociedade com a figura feminina que agora começava a ocupar um lugar que era exclusivamente masculino:

A presença feminina no cenário urbano incomodava de várias maneiras: seja como trabalhadoras, seja como prostitutas; fumando ou usando roupas mais curtas. Desconhecida, a sexualidade feminina se tornava um grande medo e uma atração. Daí o enorme interesse em torno do desvendamento do corpo da mulher, desde meados do século passado, tanto pelos saberes científicos, quanto pelas artes. (Rago, 1990, p.186)

Entretanto, os homens da lei também frequentavam esses ambientes que tanto condenavam, escancarando as bases hipócritas sobre a qual se ergue a sociedade moralista:

Outras notícias traziam reclamações de populares contra a frequência de soldados num lupanar existente à rua de Santa Tereza, junto ao restaurante Bahia, em São Paulo, que, ao lado das “mulheres de vida airada da mais baixa classe”, ofendiam a moral pública com gestos e palavras obscenas. (Rago, 1990, p.188)

Apesar da perseguição dos homens poderosos a prostituição não deixou de existir, o comércio erótico se ampliou e incorporou novas formas de vivenciar o erotismo, ao redor do prazer e do deleite vendidos e comprados, circulava muito dinheiro e tudo isso movimentava a economia:

Políticos influentes, fazendeiros ricos, estudantes de Direito, advogados de projeção, delegados de polícia, assim como trabalhadores e jovens dos setores mais pobres da população divertiam-se em companhia dessas mulheres, solicitavam-nas, bebiam e dançavam com elas. Mesmo aquelas que se tornaram cortesãs de luxo provinham de um meio social inferior e, na maior parte dos casos, fizeram fortuna através dos homens que as procuravam. Nenê Romano, por quem se apaixonou desesperadamente um jovem advogado de família tradicional, Moacyr de Toledo Pisa, começara como humilde imigrante italiana que trabalhava como costureira. Mme. Sanchez Pommery enriquece na prostituição (Rago, 1990, p.189)

Rago (1990) afirma que não era de interesse dos homens mais poderosos economicamente e politicamente, erradicar a prostituição e os estabelecimentos a ela destinados, porque consideravam este território vital para si mesmos e para os seus filhos, ao menos durante uma parte de suas vidas.

Casos como estes com certeza não foram raros em nossa história. Talvez se desejasse que a prostituição ocorresse em melhores condições sanitárias e mais confortavelmente, e que uma maior privacidade fosse garantida para os homens públicos importantes, políticos famosos, ou pais de família culpados, que frequentavam os centros de prostituição, alta ou baixa. (Rago, 1990, p.192)

Como já foi dito, o regulamentarismo não foi de todo acatado, apenas algumas de suas medidas vigoraram, mas a caça às bruxas não parou: “Contudo, uma política de confinamento propriamente dito, segregando geograficamente as meretrizes, só se efetivou

na década de 1940, quando as prostitutas pobres foram alocadas (...) no Mangue, no Rio de Janeiro.” (Rago, 1990, p.193)

Rago (1990) afirma que nessa época as prostitutas foram despejadas dos prostíbulos em que moravam e trabalhavam e obrigadas a saírem em busca de novas moradas, muitas delas completamente desamparadas, sem formação profissional para se dedicarem a outro ofício, sem uma fonte de renda alternativa e sem o suporte do Estado, dessa forma muitos hotéis e casas-de-cômodos acabaram se tornando bordéis disfarçados.

A atuação da polícia contra a prostituição se baseou nos documentos e propostas médicas que buscavam explicar e controlar a sexualidade dessas mulheres insubmissas: “Desde a década de 1840, os médicos apresentaram idéias de como controlar a prostituição no Rio de Janeiro, centro que se urbanizava rapidamente, levando os chefes de polícia nas décadas seguintes a tentarem implementá-las.” (Rago, 1990, p.195)

Nesse cenário, os abolicionistas continuavam a tecer as suas críticas contra o regulamentarismo e a culpabilização que lançava sobre a mulher, como se ela fosse a única parte envolvida na prostituição:

Não podendo dominar a prostituição, as sociedades tomaram o partido de considerá-la um mal necessário. Procuraram cerceá-la em seus efeitos funestos, restringir o mal que dela deriva por um conjunto de medidas administrativas. As prostitutas foram inscritas em um registro especial. Abriam-se as chamadas "casas de tolerância" onde o comércio carnal se estabelece sob garantia do Estado. Médicos visitam periodicamente estes estabelecimentos, procedem o exame nas mercadorias humanas, sequestram as que estão infeccionadas, garantindo assim o sexo forte. Agentes plenipotenciários, mas não diplomáticos, efetuam a caça paternal às

prostitutas rebeldes, e constroem-nas aos regulamentos. E eis, sumariamente, como o estado se faz cáften. (Rago, 1990, p.196)

De acordo com Rago (1990): o doutor Alberto Seabra, abolicionista, criticava também a figura do cafetão- que surgia devido a esse sistema, como “um protetor da mulher contra a polícia de costumes”- e os inconvenientes das casas de tolerância, onde os proprietários obrigavam as prostitutas a aumentarem constantemente a taxa de consumo de bebidas alcoólicas, com o objetivo exclusivo de lucro, debilitando a sua saúde. Defendia o direito da inviolabilidade das casas das prostitutas, visto que a prostituição não era considerada delito e não era uma atividade que necessitasse pagar impostos ao município.

Muitos homens poderosos tomavam partido acerca da discussão sobre a prostituição, alguns defendiam as medidas mais humanizadas (os abolicionistas) e outros as medidas de controle e higienização (os regulamentaristas), não haviam mulheres na política, tudo era pensado e decidido por homens.

Evaristo Moraes, um jurista e abolicionista da época, retomava . e radicalizava as críticas ao regulamentarismo:

O ponto forte de sua argumentação em defesa do abolicionismo girava em torno da vitimização da prostituta, sequestrada numa rede de poder, tanto pelas cafetinas quanto pelas autoridades policiais, que entravam numa relação de cumplicidade com aquelas. Preocupado em refazer uma outra imagem da meretriz, dissociada da idéia da vagabundagem e da criminalidade, Evaristo apontava para as causas sócio econômicas da prostituição, contra as posições regulamentaristas(...) Ora, a maneira de encarar a prostituição pelos prebostes e pelos lugares-tenentes (sic) não pode ser a dos atuais administradores públicos, nem a dos atuais legisladores, nem a dos atuais

magistrados . A prostituição-crime, a prostituta criminosa são concepções errôneas de outras épocas, seja fenômeno fisiológico, seja fenômeno patológico, da vida coletiva, a prostituição aparece, hoje, a moralistas, sociólogos e criminólogos como resultante do meio social , tendo por causa direta, preponderantemente, quase exclusiva, a miséria, tomada essa expressão no seu significado mais amplo. (...) as “casas de tolerância”, registradas e vigiadas pela polícia de costumes, acabavam constituindo-se em focos privilegiados da decadência moral e da transmissão da sífilis. As moças eram obrigadas pelas cafetinas a receber elevado número de fregueses, enquanto as que moravam isoladamente podiam escolhê-los livremente. Além disso, eram obrigadas a alcoolizarem-se para garantir um consumo mais elevado de bebidas nos bordéis, embrutecendo-se rapidamente nesta situação de “escravidão disfarçada. Reconhecida a causa social-econômica da prostituição, o caráter odioso da polícia dos costumes se patenteia em plena luz , aparecendo a monstruosidade de serem tratadas, como criminosas e perversas, as pobres criaturas que o egoísmo do tempo estraga e corrompe, para satisfação dos sôfregos instintos libidinosos do homem e garantia da moral familiar. (Rago, 1990, p.198)

Os abolicionistas se aborreciam com o quanto a polícia ganhava poder discursivo e de atuação sobre o universo da prostituição, se apropriando cada vez mais de campos que cabiam aos médicos e aos juristas. Na medida que a imagem da prostituta foi sendo desassociada da criminosa, da transgressora da lei e sendo associada à da mulher com doença venérea, o que foi motivado pela epidemia de sífilis que se deu nessa época, a prostituição passou a ser um campo de autoridade médico. As atitudes policiais eram condenadas pelos abolicionistas:

(...) também descrevia uma "limpeza da zona" no Rio de Janeiro, por ocasião da vinda do rei Alberto, em 1920. Contudo, recriminava a medida policial por não decorrer de um programa de ação organizado, sendo apenas uma atitude oportunista e ocasional (...) Imoladas ao extraordinário acontecimento, convictas da inutilidade da resistência, desamparadas de qualquer intervenção jornalística, sumiram-se, pouco a pouco, das suas habitações, as mercadorias do amor barato, escapando às ameaças do xadrez. (Rago, 1990, p.280)

A figura demonizada da prostituta era associada a todo e qualquer tipo de mazela humana que surgia:

Quando irrompeu uma epidemia de sífilis, a prostituição foi imediatamente associada a ela: "(...) o debate em torno da sífilis acendera as discussões sobre a prostituição e sua regulamentação desde a década de 1870, na Academia Nacional do Rio de Janeiro, sendo retomado inúmeras vezes entre a elite culta do Rio e de São Paulo. (Rago, 1990, p.206)

Se por um lado as meretrizes eram culpabilizadas pela epidemia de sífilis, por outro os homens contaminados se orgulhavam disso, porque era um sinal de virilidade e não de promiscuidade:

Mesmo assim, segundo Oswald de Andrade, muitos homens desta geração vangloriavam-se de um dia ter conhecido esta doença estigmatizada: "Nenhuma experiência tive, no entanto, de doenças venéreas. Por pura sorte. Pois tinha me atirado às fêmeas como todos os rapazes de minha geração. Muitos deles vi se

orgulharem de um cancro duro, pura sífilis. Era um atestado de virilidade pegar uma boa gonorréia . (Rago, 1990, p.208)

Rago (1990) traz em sua obra que é possível que no alto meretrício, habitado pelas prostitutas estrangeiras, muitas com experiência no ofício, os cuidados higiênicos fossem bem maiores do que no baixo meretrício, onde a alta rotatividade de corpos e o descaso das cafetinas e meretrizes facilitavam a propagação das doenças venéreas. Isso leva a concluir que as epidemias de doenças venéreas eram mais avassaladoras no baixo meretrício: “De qualquer maneira, Penteado considerava as prostitutas ‘da cidade’ mais informadas, pois usavam ‘líquidos antissépticos’, aquecidos num fogareiro a álcool, enquanto que as do Brás empregavam uma mecha de estopa, que, por economia, usavam para vários fregueses.” (Rago, 1990, p.214)

3 A prostituição no século XIX no Rio de Janeiro

O universo da prostituição é marginal e portanto marcado por preconceitos, estereótipos e lugares-comuns sobre os personagens que o compõem, estes são depreciados por discursos caricaturais- as cafetinas cruéis e abusivas; as prostitutas doentes, tristes, exploradas, envoltas em roupas decotadas e curtas e os fregueses violentos em busca da realização dos seus fetiches perversos. Os discursos médicos e policiais tecidos pelas autoridades da época são majoritariamente higienistas, excludentes e marginalizantes, junto a estes coexiste o discurso do tipo filantrópico - dos que querem ser os salvadores das prostitutas, o que evoca de imediato o clichê da meretriz vítima de um destino cruel.

Rago (1990) utiliza a expressão “fantasma” da prostituição para se referir ao legado de concepções, estereótipos, clichês e preconceitos que os variados discursos (médicos, jornalistas, criminologistas, juristas e literatos) introduziram no imaginário social desde o século XIX e que são mais ligados a uma preocupação com a moralidade pública e a introdução da mulher na vida pública do que com o assunto “prostituição” e a vida das prostitutas. Estes fantasmas se mantêm vivos ao longo do tempo.

A prostituição é um fenômeno social carregado de descrições associadas a podridão moral, doenças e perversão, sempre atrelado ao repulsivo e há sobre ela uma ânsia de controle por parte das autoridades. Ainda sobre estas formas discursivas, a autora traz: “Herdeiros de uma tradição intelectual conservadora, especialmente marcada pelas concepções biologizantes que se refinaram ao longo do século 19, os especialistas formularam políticas de controle da sexualidade vagabunda, assustados com as formas devastadoras que poderia assumir.” (Rago, 1990, p.138)

Este depoimento é de uma mulher entrevistada por Rago (1990), Mm. O, sobre como se dava a prostituição no Brasil do século XIX:

Passeavam vagarosamente de um lado para o outro ou esperavam nas esquinas os fregueses. Devo dizer porém que elas jamais abordavam as pessoas. Também não lançavam injúrias aos homens ou umas às outras. Mal olhavam os passantes, mantinham uma certa compostura exterior e nada havia nelas do cínico descaramento, tão revoltante, das prostitutas parisienses de classe baixa, nessa mesma época. (Rago, 1990, p.70)/

Rago (1990) aborda em seu texto sobre os romances da época (escritos por homens) e que tinham como tema a prostituição e aponta para os curiosos destinos que eram atribuídos às prostitutas: ou eram punidas pelo autor com assassinato, ou doença física ou “eram salvas” e se estabeleciam em uma vida doméstica e pacata. Em *O Cortiço* Aluísio Azevedo foge à regra e não predestina as personagens Pombinha e Léonie a um desfecho punitivo ou disciplinador, muito pelo contrário:

Agora, as duas cocotes, amigas inseparáveis, terríveis naquela inquebrantável solidariedade, que fazia delas uma só cobra de duas cabeças, dominavam o alto e o baixo Rio de Janeiro. Eram vistas por toda a parte onde houvesse prazer; à tarde, antes do jantar, atravessavam o Catete em carro descoberto, com a Juju ao lado; à noite, no teatro, em um camarote de boca, chamavam sobre si os velhos conselheiros desfibrados pela política e ávidos de sensações extremas, ou arrastavam para os gabinetes particulares dos hotéis os sensuais e gordos fazendeiros de café, que vinham à corte esbodegar o farto produto das safras do ano, trabalhadas pelos seus escravos. Por cima delas duas passara uma geração inteira de devassos. Pombinha, só com três

meses de cama franca, fizera-se tão perita no ofício como a outra; a sua infeliz inteligência, nascida e criada no modesto lodo da estalagem, medrou logo admiravelmente na lama forte dos vícios de largo fôlego; fez maravilhas na arte; parecia adivinhar todos os segredos daquela vida; seus lábios não tocavam em ninguém sem tirar sangue; sabia beber, gota a gota, pela boca do homem mais avarento, todo o dinheiro que a vítima pudesse dar de si. Entretanto, lá na Avenida São Romão, era, como a mestra, cada vez mais adorada pelos seus velhos e fiéis companheiros de cortiço; quando lá iam, acompanhadas por Jujú, a porta da Augusta ficava, como dantes, cheia de gente, que as abençoava com o seu estúpido sorriso de pobreza hereditária e humilde. (Azevedo, 2012, p.348)

O trecho evidencia que Pombinha, a “flor do cortiço”, acompanhada por Léonie, encontrou na prostituição o caminho para uma vida rica, frequentando agora teatros e tendo como clientes os homens mais ricos da sociedade carioca, mantendo ainda o apreço dos seus amigos e vizinhos do São Romão e era bem recebida quando retornava ao cortiço para visitá-los:

A mulher prostituta era também uma figura mítica, uma espécie de nova bruxa, diversas imagens eram atribuídas a ela (para além das imagens dos discursos patologizantes e moralistas) : de mulher liberta dos costumes, dos vínculos sociais e que se permitia múltiplas práticas sexuais, uma “mulher pública” que podia fazer o que bem desejava com o próprio corpo, dissociando o prazer do amor, aventurando-se através da troca da experiência sexual pelo dinheiro. (Rago, 1990, p.49)

Para Rago (1990) a prostituta é aquela que é simultaneamente a vendedora e a mercadoria, simbolizada também como a degradação - em uma sociedade que as relações são

mediadas pelo equivalente geral: dinheiro- a relação que se desenrola entre a meretriz e o cliente não é entre indivíduos e sim entre dois objetos parciais, o que é degradante para uma sociedade que buscava construir uma forma de subjetividade a partir de um corpo individual.

De acordo com Rago (1990) a separação entre o amor puro e o prazer sexual foi algo de difícil compreensão para a época, sobretudo em relação à mulher que tinha a sua sexualidade diminuída e era vista como a mãe, amorosa e casta. As prostitutas não eram segregadas das mulheres de família e frequentavam os espaços comuns, gostavam de se exhibir, desfilavam em carros abertos, mostravam os seus corpos ornamentados aos olhares do público nos locais elegantes da vida boêmia (bares, teatros, cafés, etc.) ou nas ruas ocupadas pelo baixo meretrício. Este trecho em que Aluísio Azevedo descreve a chegada da Léonie ao São Romão ilustra bem a citação de Rago:

Léonie, com as suas roupas exageradas e barulhentas de cocote à francesa, levantava rumores quando lá ia e punha expressões de assombro em todas as caras. O seu vestido de seda cor de aço, enfeitado de encarnado sangue de boi, curto, petulante, mostrando uns sapatinhos à moda com um salto de quatro dedos de altura; as suas lavas de vinte botões que lhe chegavam até aos sovacos; a sua sombrinha vermelha, sumida numa nuvem de rendas cor-de-rosa e com grande cabo cheio de arabescos extravagantes; o seu pantafaçado chapéu de imensas abas forradas de velado escarlata, com um pássaro inteiro grudado à copa; as suas jóias caprichosas, cintilantes de pedras finas; os seus lábios pintados de carmim; suas pálpebras tingidas de violeta; o seu cabelo artificialmente louro. (Azevedo, 2012, p. 185)

Rago (1990) elucida os conceitos de baixo e de alto meretrício, o baixo meretrício era o espaço ocupado pelas prostitutas (brasileiras ou estrangeiras) menos abastadas, que

residiam em casas alugadas ou próprias e lá recebiam os clientes, mantinham-se sem vínculos de dependência com uma cafetina, mas as que viviam em “pensões de artistas” dependiam das cafetinas.

(...) as meretrizes postadas nas janelas ou portas das casas situadas naquelas ruas do baixo meretrício costumavam enfeitar os cabelos com flores, exibindo com esses emblemas a sua condição de 'mulheres da vida', e usavam galhos de arruda nas coxas, para evitar mau olhado e doenças venéreas. (Rago, 1990, p.123)

As prostitutas do alto meretrício possuíam as suas próprias casas (montadas por algum coronel endinheirado) ou viviam em hotéis de luxo, eram as “cortesãs de luxo” que atendiam os homens ricos, políticos, advogados, delegados e coronéis. Os coronéis abastados montavam casas próprias para as prostitutas, essas residências eram mansões e estavam localizadas em bairros de elite.

Muitas destas moças do alto meretrício estavam ligadas ao crescimento dos cafés-concertos: “artistas-cançonetistas e bailarinas- que além dos espetáculos, acompanhavam os senhores abastados para beber e cear em lugares mais reservados e elegantes. Às vezes estrelas de algum espetáculo (...) que ‘trabalhavam’ nas horas vagas, complementando a sua renda salarial, ou que por aqui ficavam, depois que as companhias partiam. (Rago, 1990, p.135)

As prostitutas, por fazerem parte de um ambiente boêmio e serem transgressoras, eram frequentemente culpadas de corromper os homens jovens da época, induzindo-os aos vícios, consumo de drogas, alcoolismo, contaminando-os com as doenças venéreas.

3.1 Olhares sobre a prostituição

No capítulo dois: “A prostituição como positividade”, Margareth Rago (1990) questiona porque o comércio do prazer ainda existe, já que era tido como tão negativo e aponta que uma das dificuldades de se tratar do assunto prostituição é descrever o seu lado positivo. Isso estaria ligado ao fato de que no imaginário social ainda vigoram os “fantasmas” da prostituição e ousar mostrar alguma outra faceta do meretrício soa muito subversivo? (Maffesoli, como citado em Rago, 1990,p.24), para explicar esta afirmação curiosa:

(...) Atento para os agenciamentos sociais subterrâneos, as “socialidades de base”, o autor defende que uma sociedade não pode impedir a manifestação das forças dionisíacas, do prazer, do lúdico que operam em seu interior, sem correr o risco de ver explodir em formas “violentas e perversas” esta dimensão da vida humana recalcada. Cabe-lhe, então, procurar integrar simbolicamente suas “regiões sombrias”. Recusar-se a ver o lado noturno do indivíduo ou de um grupo social pode produzir efeitos mais devastadores, segundo esta lógica, do que buscar integrar dimensões que caracterizam a vida social, como o lúdico, a pulsão da errância, o desejo de fruir o prazer, de viver a festa, de perder-se na comunhão do coletivo.

Em uma sociedade em que se reprime a libido sexual em prol do trabalho e da produção, em que se recalcam os desejos para poder existir em coletividade e que ainda é guiada por uma moralidade cristã, a demonização da prostituição é um processo compreensível, não aceitável.

A sociedade individualista não admira a união dos corpos, isso é perigoso, os oprimidos podem se tornar fortes quando unidos. O corpo separado e individualizado é mais

fácil de ser controlado e consome mais porque vive envolto em uma competição materialista com os demais.

No “mundo do prazer e do crime”, vivem-se possibilidades de perda da identidade na relação sexual, de desterritorialização subjetiva, ao inverterem-se papéis e dramatizarem-se situações, abrindo-se espaço a manifestação de pulsões irreprimíveis, que não podem se realizar na relação conjugal normalizada. (Rago, 1990, p.25)

Em uma sociedade que começava a se modernizar e a adentrar os moldes capitalistas, as formas de expressão e existência em conjunto não eram valorizadas, se pregava o individualismo, o consumismo, era toda fundamentada em princípios cristãos de recriminação o sexo, sobretudo para a mulher. Essa sociedade valorizava mais a competição do que a divisão, dessa forma, olhar esse lado positivo da prostituição vai contra a todos os princípios e bases em que a sociedade foi construída.

3.1.1 As prostitutas estrangeiras no Brasil

De acordo com Rago (1990) a presença das prostitutas estrangeiras no Brasil era espetacularizada, os homens viam nessas mulheres vindas da França, da Rússia, de Portugal, da Itália, etc. uma forma de terem contato com esse mundo desconhecido, de aprender sobre novas culturas, sobre outras formas de se comportar e de socializar. Inclusive passaram a preferir as prostitutas estrangeiras: “A mulher negra, símbolo da sexualidade quente e tropical ainda hoje, deixava de figurar como signo da imoralidade sexual, substituída pela prostituta estrangeira, tanto no Rio de Janeiro, onde a presença negra era maior.” (Rago, 1990, p.57)

A autora afirma que a França era o centro cultural do mundo nessa época, a curiosidade despertada pelas prostitutas francesas era maior porque elas pareciam mais livres, sedutoras e experientes do que qualquer outra mulher, vindas de uma sociedade mais moderna, de hábitos imoderados. As prostitutas francesas geralmente pertenciam ao alto meretrício, se comportavam bem, eram cultas, inteligentes, bonitas e conhecedoras do mundo: “As prostitutas estrangeiras ascendiam à cena principal, em detrimento das brasileiras, brancas ou pretas, nos discursos oficiais, nas memórias ou como personagens centrais dos romances da época.” (Rago, 1990, p.137)

3.2 O discurso médico e científico sobre a mulher

Além do discurso policial que associava a prostituta ao crime, também haviam os discursos médico-biologizantes que buscavam defini-la em relação à mulher casta. A meretriz era descrita como anormal, oriunda da pobreza, psicologicamente e moralmente adoecida e isso a conduziria para o mundo da prostituição.

Rago (1990) traz que todos os tratados médicos e jurídicos produzidos entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX atribuíam o florescimento da prostituição a miséria econômica da mulher. Proveniente de um meio social inferior, ela não conseguiria sustentar-se com proventos próprios, recorrendo à comercialização do próprio corpo como forma de complementar o salário ou como única atividade remunerada: “Num contexto tão misógino e machista, vários autores apontavam como influências nocivas que atuavam sobre seu espírito fraco os livros, o teatro, o cinema, os bailes e outras formas de diversão que se propagavam na cidade moderna.” (Rago, 1990, p.217):

A facilidade de aproximação dos corpos, a troca de olhares entre uma senhora e um rapaz solteiro, as conversas propiciadas pelas danças e reuniões sociais, tudo agia no sentido de propiciar condições para a entrega ao prazer. Este é, aliás, um dos argumentos mais recorrentes nas falas de juristas, advogados, médicos e observadores do período. (Rago, 1990, p.218)

Para estes senhores detentores do saber, a libertação feminina do ambiente doméstico e a participação na vida social da cidade que se modernizava, contribuiu para que ela se tornasse uma prostituta em potencial, ou seja, queriam a mulher silenciada e em casa como antes. O que os incomodava mais era a prostituição em si ou a presença da mulher nos espaços que antes eram só dos homens (mercado de trabalho, ruas, concertos, teatros e

festas)? Eles estavam mais incomodados com a liberdade feminina do que com a prostituição e o moralismo que ronda este assunto.

A mulher também era descrita como aquela que tem menos energia sexual, menos libido que o homem e que só precisava do sexo para engravidar e exercer a sua função materna:

Ao passar de assunto silenciado para objeto de conhecimento, a mulher pagou o alto preço de ser incorporada nos marcos de uma teoria já estruturada pela razão masculina, incapaz de pensar a especificidade de sua maneira de sentir, agir e viver. Figura da alteridade, foi capturada nas teias de um discurso incapaz de pensar a diferença e, portanto, foi definida por aquilo que não possuía em relação ao homem: “capacidade de previsão, ausência de desejo, menor agilidade física e mental”, “ausência de pênis”, como afirmara Freud. Carência absoluta, toda a sua personalidade, caráter, desejos foram vinculados a um único órgão- o útero - definidor de sua essência em toda a cultura ocidental. Ao definirem conceitualmente a condição feminina, os médicos, juristas, criminologistas e antropólogos acabaram por subjugá-la à dimensão especular da posição central ocupada pelo homem. (Rago, 1990, p.225)

4 A prostituição na obra *O Cortiço*

O cortiço “São Romão” é uma habitação coletiva fictícia situada no bairro do Botafogo- Rio de Janeiro, no final do século XIX. Narrado em terceira pessoa onisciente, as histórias dos personagens são entrelaçadas sobre um plano de fundo miserável, eles são descritos sob uma ótica da análise científica, as mazelas são escancaradas por elementos como o zoomorfismo (fazer o uso de imagens para remeter a hábitos ou formas animais), o Determinismo (princípio segundo o qual as decisões, escolhas e atitudes humanas não se dão pelo livre arbítrio, mas através de relações de causalidade, todas as ações humanas são predeterminadas pela natureza e a liberdade de escolha é uma ilusão) e o Darwinismo (teoria do naturalista Charles Darwin que defende que apenas os mais fortes sobrevivem aos desafios do meio e propagam os seus genes).

Os moradores do cortiço são pessoas oriundas de uma classe social à beira da miséria, “como larvas no esterco” eles têm o mínimo necessário para a sobrevivência e satisfazem apenas as suas necessidades biológicas básicas, são personagens excêntricos, intensos e entregues às paixões humanas. A narrativa é visceral, cortante e crua, a maioria dos personagens aluisianos são mulheres: lavadeiras, donas de casa, mães, esposas, cozinheiras, meretrizes e uma infinidade de temas acerca da vida feminina são tratados na obra.

Entre os personagens masculinos o mais marcante é o João Romão - proprietário do cortiço, ele é o capitalista ambicioso, avarento, anseia enriquecer e é através da exploração da mão de obra dos miseráveis, dos serviços de sua amante Bertoleza e de alguns roubos na vizinhança que alcança o seu tão almejado lugar entre os homens ricos.

A personagem Rita Baiana é marcante, ela é o arquétipo da natureza brasileira, sensual, alegre, simpática, gosta de dançar, de se divertir e traz em si o calor dos trópicos. Ela

desperta a paixão em muitos homens e acaba sendo par de Jerônimo, um imigrante português que abandona a esposa portuguesa Piedade (que se torna alcoólatra) para viver com Rita.

O Jerônimo, imigrante português muito disciplinado e dado ao trabalho, é tomado inteiramente por Rita Baiana e este apaixonamento é mais que pela mulher, é pelo jeito brasileiro de viver. Após se envolver com a baiana, o autor descreve que o português deixa de lado a sua dedicação ao trabalho e quanto mais se adapta aos costumes brasileiros, maiores são as metáforas animais utilizadas para descrevê-lo.

Do lado português, frio e melancolia; do brasileiro um inferno de sol, perfume e lascívia. No Brasil, campos dominados por animais selvagens (onça, maracajá, queixada, anta, sucuruju, cobra-coral); em Portugal, o campo habitado pelo gado “que à tarde levanta para o céu de opala o seu olhar humilde, compungido e bíblico”. A contraposição é entre o presépio português e a orgia brasileira, entre o céu e o inferno, lugar da salvação e lugar da queda e perdição. (Franchetti, 2014, p.48)

Chalhoub descreve o cortiço “Cabeça de Porco”, da mesma época que o “São Romão”:

Cabeça de Porco, o mais célebre cortiço carioca do período: um grande portal, em arcada ornamentado com a figura de uma cabeça de porco, tinha atrás de si um corredor central e duas longas alas com mais de uma centena de casinhas. Além dessa rua principal, havia algumas ramificações com mais moradias e várias cocheiras. Há controvérsia quanto ao número de habitantes da estalagem: dizia-se que, em tempos áureos, o conjunto havia sido ocupado por cerca de 4 mil pessoas. (Chalhoub, 1996, p.15)

Nos cortiços habitavam as pessoas pertencentes às classes menos abastadas, em sua maioria negros, escravos alforriados, imigrantes europeus em busca de uma vida melhor no Brasil, mulheres viúvas, etc., eram pessoas marginalizadas sem oportunidades de buscar a ascensão social e financeira, à margem de uma sociedade de consumo. Chalhoub (1990, p.20) traz em sua obra uma discussão sobre as classes pobres e perigosas para se referir aos habitantes do cortiço Cabeça de Porco, que foi cruelmente demolido a despeito dos apelos dos moradores que ainda nem tinham retirado os seus pertences e muito menos possuíam outro local para morar, o autor afirma que: “A expressão ‘classes perigosas’ parece ter surgido na primeira metade do século XIX.- referindo-se apenas aos indivíduos que já haviam abertamente escolhido uma estratégia de sobrevivência que os colocava à margem da lei.” Chalhoub (1990, p.20)

Os habitantes do “São Romão”, à semelhança dos habitantes do “Cabeça de Porco”, pertencem também às classes pobres e perigosas. Chalhoub amplia a sua discussão sobre tal conceito no trecho:

As classes pobres não passaram a ser vistas como classes perigosas apenas porque poderiam oferecer problemas para a organização do trabalho e a manutenção da ordem pública. Os pobres ofereciam também perigo de contágio. Por um lado, o próprio perigo social representado pelos pobres aparecia no imaginário político brasileiro no final do século XIX através da metáfora da doença contagiosa: as classes perigosas continuariam a se reproduzir enquanto as crianças pobres permanecessem expostas aos vícios de seus pais. Assim, na própria discussão sobre a repressão à ociosidade (...) a estratégia de combate ao problema é geralmente apresentada como consistindo em duas etapas: mais imediatamente, cabia

reprimir os supostos hábitos de não-trabalho dos adultos; a mais longo prazo, era necessário cuidar da educação dos menores. (Chalhoub, 1996, p.29)

As classes marginalizadas, as “pobres e perigosas”, sempre foram alvo de inspeção violenta da polícia, associadas ao crime muito mais do que ao trabalho intenso de luta pela sobrevivência. Em um fragmento Aluísio Azevedo descreve o medo que a polícia (solicitada por João Romão) evoca nos moradores do cortiço, em um episódio de briga entre os homens:

A polícia era o grande terror daquela gente, porque, sempre que penetrava em qualquer estalagem, havia grande estropício; à capa de evitar e punir o jogo e a bebedeira, os urbanos invadiam os quartos, quebravam o que lá estava, punham tudo em polvorosa. Era uma questão de ódio velho. E, enquanto os homens guardavam a entrada do capinzal e sustentavam de costas o portão da frente, as mulheres, em desordem, rolavam as tinas, arrancavam jiraus, arrastavam carroças, restos de colchões e sacos de cal, formando às pressas uma barricada. (Azevedo, 2012, p. 213)

É este “ódio velho” que não permite que enxerguem as “classes pobres e perigosas” como vítimas de um funcionamento social perverso, apenas as enxergam com as lentes dos estereótipos e preconceitos que foram tecidos ao longo de anos sobre este grupo. Depois que a polícia adentra o cortiço, o que segue é uma cena de violência:

Fez-se logo medonha confusão. Cada qual pensou em salvar o que era seu. E os policiais, aproveitando o terror dos adversários, avançaram com ímpeto, levando na frente o que encontravam e penetrando enfim no infernal reduto, a dar espadeiradas para a direita e para a esquerda, como quem destroça uma boiada. A multidão atropelava-se, desembestando num alarido. Uns fugiam à prisão; outros cuidavam em

defender a casa. Mas as praças, loucas de cólera, metiam dentro as portas e iam invadindo e quebrando tudo, sequiosas de vingança. (Azevedo, 2012, p.214)

Chalhoub (1996) afirma que o Cabeça de Porco - assim como os cortiços do centro do Rio de Janeiro em geral - era tido pelas autoridades da época como um "valhacouto de desordeiros". Muito já foi dito nesta pesquisa sobre a associação da imagem da mulher prostituta ao mundo do crime, simbolicamente fichada na polícia, ela também cabe neste grupo das classes "pobres e perigosas", sobretudo as que trabalhavam no baixo meretrício.

No romance de Aluísio Azevedo, duas mulheres prostitutas são retratadas - a Pombinha e a Léonie. Esta última é descrita como uma mulher elegante, loira, maquiada, perfumada e bem vestida que ia ao cortiço fazer visitas à família de sua afilhada Juju: "(...) a Juju, vivia na cidade com a madrinha que se encarregava dela. Esta madrinha era uma cocote de trinta mil-réis para cima, a Léonie, com sobrado na cidade. Procedência francesa." (Azevedo, 2012, p.100)

Pelas descrições que o autor faz sobre Léonie e com base nas leituras realizadas, sobretudo na obra de Margareth Rago, pode-se afirmar que ela era uma prostituta de luxo, do alto-meretrício da sociedade carioca, provavelmente uma imigrante francesa e os seus clientes eram homens abastados - "era uma *cocotte* de trinta mil-réis para cima"- coronéis, fazendeiros, delegados e a alta burguesia. Léonie ascendeu socialmente por meio da prostituição e conquistou a sua independência financeira, é provável que por outros meios não chegasse a este patamar, pois o mercado de trabalho era muito restrito para as mulheres nesta época.

Quando Aluísio Azevedo descreve a aparência de Léonie, a cena logo remete aos trechos das descrições feitas no livro de Rago sobre as prostitutas estrangeiras da época, que com sua elegância chocavam as pessoas:

Léonie, com as suas roupas exageradas e barulhentas de cocote à francesa, levantava rumores quando lá ia e punha expressões de assombro em todas as caras. O seu vestido de seda cor de aço, enfeitado de encarnado sangue de boi, curto, petulante, mostrando uns sapatinhos à moda com um salto de quatro dedos de altura; as suas lavas de vinte botões que lhe chegavam até aos sovacos; a sua sombrinha vermelha, sumida numa nuvem de rendas cor-de-rosa e com grande cabo cheio de arabescos extravagantes; o seu pantafaçado chapéu de imensas abas forradas de velado escarlate, com um pássaro inteiro grudado à copa; as suas jóias caprichosas, cintilantes de pedras finas; os seus lábios pintados de carmim; suas pálpebras tingidas de violeta; o seu cabelo artificialmente louro; tudo isto contrastava tanto com as vestimentas, os costumes e as maneiras daquela pobre gente, que de todos os lados surgiam olhos curiosos a espreitá-la (...).(Azevedo, 2012, p.185)

Pombinha era uma “moça de família”, também moradora do cortiço, mas em alguns aspectos muito diferente dos seus vizinhos, Aluísio (1990, p.101) se refere a ela como a “Flor do cortiço”, ela era: “(...) loura, muito pálida, com uns modos de menina de boa família. A mãe não lhe permitia lavar, nem engomar, mesmo porque o médico a proibira expressamente”.

Pombinha era a noiva de João da Costa, com o qual ainda não havia se casado porque aguardava a menarca e o casamento era muito esperado, porque este rapaz poderia ajudar Pombinha e a mãe a ascenderem financeiramente, visto que ele tinha um bom emprego. Ela era muito querida no cortiço, porque era culta, sabia ler, escrever, fazer cálculos e auxiliava a todos com as suas habilidades.

Em suas idas ao cortiço, Léonie também visitava Pombinha e lhe dava muitos presentes, eram amigas. Porém, ao longo da narrativa percebe-se que Léonie nutria por

Pombinha um interesse romântico e sexual, tanto que a seduz e mantém relações sexuais com ela. Depois que a Pombinha tem a sua menarca, casa-se com João da Costa, mas após dois anos entedia-se com a vida de casada e com o marido, comete adultério, traindo-o com um poeta boêmio.

É interessante pensar que ao longo da narrativa, Pombinha se mostra uma mulher bastante transgressora para o seu tempo- apesar do seu nome “Pombinha” remeter ao puro e a uma feminilidade casta- ela se envolve com Léonie em relações homossexuais, depois trai o marido e por fim se une a Léonie, tornando-se também uma prostituta. A trama que a envolve é rodeada por tabus, sobretudo para a época do Brasil Império.

Aluísio narra a chegada de Pombinha e Léonie ao cortiço, após as duas se unirem:

(...) Uma ocasião em que lá fora, um sábado à tarde, produzira grande alvoroço entre os decanos da estalagem, porque consigo levava Pombinha, que se atirara ao mundo e vivia agora em companhia dela. (Azevedo, 2012, p.346)

Em alguns trechos, Aluísio dá a entender que Pombinha e Léonie vivem juntas como um casal: “Só a descobriu semanas depois; estava morando num hotel com Léonie. A serpente vencia afinal. Pombinha foi, pelo seu próprio pé, atraída, meter-se-lhe na boca.” (Azevedo, 2012, p.347)

Pombinha, à semelhança de Léonie, se torna uma prostituta de luxo, do alto meretrício e apesar de não ter conquistado a ascensão social e financeira por meio do casamento com João da Costa, agora circula com a “amiga inseparável” entre as classes mais abastadas do Rio de Janeiro.

Agora, as duas cocotes, amigas inseparáveis, terríveis naquela inquebrantável solidariedade, que fazia delas uma só cobra de duas cabeças, dominavam o alto e o

baixo Rio de Janeiro. Eram vistas por toda a parte onde houvesse prazer; à tarde, antes do jantar, atravessavam o Catete em carro descoberto, com a Jujú ao lado; à noite, no teatro, em um camarote de boca, chamavam sobre si os velhos conselheiros desfibrados pela política e ávidos de sensações extremas, ou arrastavam para os gabinetes particulares dos hotéis os sensuais e gordos fazendeiros de café, que vinham à corte esbodegar o farto produto das safras do ano, trabalhadas pelos seus escravos. Por cima delas duas passara uma geração inteira de devassos. Pombinha, só com três meses de cama franca, fizera-se tão perita no ofício como a outra; a sua infeliz inteligência, nascida e criada no modesto lodo da estalagem, medrou logo admiravelmente na lama forte dos vícios de largo fôlego; fez maravilhas na arte; parecia adivinhar todos os segredos daquela vida; seus lábios não tocavam em ninguém sem tirar sangue; sabia beber, gota a gota, pela boca do homem mais avarento, todo o dinheiro que a vítima pudesse dar de si. (Azevedo, 2012, p.348)

Quando descreve as visitas de Pombinha ao cortiço, seu antigo lar, Aluísio fala da presença dela como antes falava de Léonie, as duas são recebidas pelo povo como duas celebridades, muito bem tratadas por todos, adoradas, inclusive, auxiliam financeiramente os moradores de lá. Chama a atenção o comentário do autor para se referir a simpatia que Pombinha nutria por Senhorinha - filha de Jerônimo- fazendo uma comparação a antiga simpatia que Léonie nutria por Pombinha: “A cadeia continuava e continuaria interminavelmente; o cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada, que se fazia mulher ao lado de uma infeliz mãe ébria.” (Azevedo, 2012, p.348)

Este trecho remete a uma das visões que a sociedade tem sobre a mulher prostituta (várias vezes citado nesta pesquisa): a da mulher vítima de uma sociedade cruel, do destino, que é obrigada a se jogar na prostituição porque a vida não lhe deu outra chance - “a pobre

menina desamparada” - oriunda de uma família problemática, abandonada pelo pai e criada por uma mãe alcoólatra que mal consegue cuidar de si.

Ao analisar a história de Pombinha e refletir sobre em que visão da mulher prostituta ela se encaixa, ela caberia na classificação: “mulher independente”, que encontra na prostituição um caminho para a ascensão social e financeira e que, ao mesmo tempo rejeita uma série de coisas que a sociedade oferece para as mulheres- casamento, maternidade e vida doméstica- Pombinha não suporta o matrimônio e trai João da Costa. Não se sabe até que ponto Aluísio Azevedo foi influenciado por essas visões estereotipadas ou se as empregou propositalmente em sua escrita, mas é impossível não perceber isso em sua obra.

A fascinação que Léonie (e posteriormente, também, Pombinha) causa se dá pelo poder econômico que detém em suas mãos, pela liberdade e beleza (cabelo louro, joias, roupas elegantes), enquanto as mulheres lavadeiras do cortiço lutam pela sobrevivência, em sua maioria são casadas, mães e precisam se desdobrar para cuidarem dos filhos, da casa, do marido e desempenharem o trabalho mal remunerado. A reflexão de Rita Baiana expressa isso perfeitamente:

Não sei, filha! Pregava depois a mulata, no pátio, a uma companheira: seja assim ou assado, a verdade é que ela passa muito bem de boca e nada lhe falta: sua boa casa; seu bom carro para passear à tarde; teatro toda noite; bailes quando quer e, aos domingos, corridas, regatas, pagodes fora da cidade e dinheirama grossa para gastar à farta! Enfim, só o que afianço é que esta não está sujeita, como a Leocádia e outras, a pontapés e cachações de um bruto de marido! É dona das suas ações! Livre como o lindo amor! Senhora do seu corpinho, que ela só entrega a quem muito bem lhe der na veneta. (Azevedo, 2012, p.188)

Na fala de Rita Baiana o meretrício não é mal visto ou julgado com moralismos, foram citados ao longo desta pesquisa alguns trechos do livro de Margareth Rago (1990), que apontam que algumas mulheres da época “fantasiavam” sobre a prostituição como um caminho de libertação feminina, isso explica este trecho, Rita não era prostituta, não estava envolvida neste universo e não demonstrava ânsias de compô-lo, mas ao pensar sobre ele o enxergava de maneira positiva. A pesquisa de Rago mostra que realmente a prostituição era esse “caminho de libertação” para algumas mulheres- as meretrizes de luxo, do alto meretrício, como Léonie- mas para os do baixo meretrício não era uma vida fácil, havia muita violência, perseguição policial, etc..

Ao comparar a vida de Léonie com a de Leocádia- que foi flagrada em uma relação sexual adúltera com o vizinho adolescente Henrique, morador do sobrado chique do Miranda, em troca de um coelho- Rita Baiana insinua que o casamento é, às vezes, uma espécie de servidão e de escravidão e que a prostituta é uma mulher que tem controle do seu destino e das suas escolhas sexuais e sociais.

Margareth Rago afirma que em suas pesquisas sobre a prostituição brasileira, em praticamente todos os documentos (literários, científicos, policiais, juristas e médicos) consultados, de modo geral a prostituta aparece com uma mulher vítima, doente, louca e criminosa, entre outras conotações negativas, mas na obra de Aluísio Azevedo não há nenhuma descrição de ordem médica ou policial associadas ao meretrício, apenas pequenas condenações morais podem ser lidas quando o autor fala sobre Léonie e a conversão de Pombinha, mas são muito discretas e partem do narrador. Em nenhum momento há falas dos moradores do cortiço que condenam o estilo de vida de Léonie ou de Pombinha, o que leva a

crer que talvez os maiores preconceitos contra a prostituição naquela época, viessem da burguesia.

No capítulo XII o narrador quase se confunde com a própria Pombinha; aqui o distanciamento que permite ao narrador ter uma visão de águia também lhe permite passar alguns julgamentos morais que nada se parecem com a visão que a própria Pombinha parece ter de sua vida e de suas escolhas. A decisão de se tornar prostituta e dividir o teto com Leonie faz com que Pombinha fature deliberadamente as relações entre sexo, dever, família e procriação. O narrador diz que com essa decisão “a serpente vencia afinal”. A serpente é Leonie, que na voluptuosa cena de sexo animal a seduzira alguns anos antes, mas também é o mundo de vícios em nível mais geral que, segundo o ponto de vista do narrador, triunfa sobre a vontade débil de uma moça desequilibrada – uma tese naturalista em contradição frontal com o grito de autonomia e independência da própria Leonie no capítulo XII (e em contradição também com os elogios esporádicos que alguns personagens do romance fazem ao ofício da prostituição como um caminho de libertação feminina). (Mendes, 2017, p.3)

Ainda que o discurso de Alúcio Azevedo sobre a prostituição seja leve em sua maioria, às vezes é ambíguo. Deve-se considerar que o autor buscou transmitir o pensamento daquela sociedade, um texto literário escrito no século XIX não pode ser julgado com o olhar do século XXI, a arte é o fruto do seu tempo.

De acordo com Paulo Franchetti (2014) as personagens Léonie e Pombinha representam os predadores (tal como a metáfora de Alúcio Azevedo que as equipara a serpentes), elas ascendem e movem-se de um ambiente a outro- do cortiço onde vigora a

natureza humana, a pobreza e o instinto animal ao Catete e ao alto Rio de Janeiro com os seus teatros, meios onde vigoram os preceitos culturais burgueses. Diferentemente dos outros personagens do enredo que ficam relegados a um só lugar na narrativa, estas duas mulheres (assim como o capitalista João Romão) ganham destaque por alcançarem novos patamares e por experimentarem estes dois mundos tão contrastantes.

Aluísio Azevedo, como um bom Naturalista, se vale do zoomorfismo para descrever os comportamentos dos seus personagens, Léonie e Pombinha não escapam a isso- são retratadas em alguns trechos da obra como as partes de uma serpente de duas cabeças, como as éguas que rinham e bufam, entre outras metáforas animais.

O autor também utiliza a natureza e a paisagem tropical brasileira para construir mais imagens e metaforismos - o sol forte do Brasil é citado diversas vezes e se torna quase que um dos personagens da narrativa- ele é um elemento que influencia e determina o temperamento quente e bestial do povo brasileiro. Em uma das cenas mais poéticas do romance, o sol surge como aquele que derrama luz sobre a tão esperada menarca da Pombinha, toda a descrição feita por Aluísio remete a uma união lasciva entre a mulher e a Natureza.

A relação que se estabelece entre a Pombinha e a Léonie ao longo da narrativa é de caráter denso, a princípio a Léonie se insinua como uma amiga de Pombinha, lhe dá presentes e a visita no cortiço. Mas, ao longo do enredo nota-se que Léonie nutre pela inocente Pombinha um interesse muito além da amizade- Léonie convida Pombinha para um jantar em sua casa, acaba seduzindo-a e mantendo relações sexuais com ela.

Pombinha arfava, relutando; mas o atrito daquelas duas grossas pomas irrequietas sobre seu mesquinho peito de donzela impúbere e o rogar vertiginoso daqueles cabelos ásperos e crespos nas estações mais sensitivas da sua feminilidade, acabaram por foguear-lhe a pólvora do sangue, desertando-lhe a razão ao rebate dos sentidos. (Azevedo, 2012, p.223)

De acordo com Paulo Franchetti (2014, p.47) esta cena se trata de “um quadro de perdição: Pombinha, que se mantivera casta e pura- “flor mimosa e peregrina criada num monturo, violeta infeliz, que um estrume forte demais para ela atrofiara”- experimenta o sexo estéril com Léonie, é fecundada não por um homem, mas pelo sol, e consegue assim, de alguma forma, libertar-se de “toda aquela esterqueira, onde ela, depois de se arrastar por muito tempo como larva, um belo dia acordou borboleta à luz do sol”. O fato de Pombinha só atingir a puberdade, até então “atrasada”, após uma relação sexual com Léonie faz pensar que o autor a concebe inicialmente como um personagem tão puro (o próprio nome “Pombinha” remete a uma imagem santa, inocente e puríssima), que só após uma experiência sexual ela é despertada para outro universo, saindo do seu estado virginal e ingênuo: “A serpente vencia afinal. Pombinha foi, pelo seu próprio pé, atraída, meter-se-lhe na boca.” (Azevedo, 2012, p.347).

A metáfora de Aluísio Azevedo que compara Pombinha e Léonie a uma só cobra-de duas-cabeças é curiosa, pois a Pombinha após manter relações sexuais com Léonie, vai aos poucos se tornando a própria Léonie- no sentido de que virá a trilhar os mesmos caminhos da amiga- após um casamento fracassado. Pombinha se une a Léonie e juntas dominam o alto e o baixo meretrício do Rio de Janeiro, são duas mulheres que desprezam uma série de “regras” impostas à mulher, saem da curva e constroem a vida tal como bem entendem. A cobra é

também um símbolo do pecado (no Cristianismo), o animal traidor, sedutor, ligado ao submundo e ao demônio- neste sentido não parece ser um acaso associar estas duas mulheres a serpente- de certa forma elas traem o patriarcado ao escolherem ser prostitutas e não “mulheres de família” ou cuidadoras do lar, o trabalho delas é o sexo, um tema sempre demonizado pelo Cristianismo e pela burguesia.

A imagem é eloquente. Pombinha, após a iniciação sexual e o episódio do sono ao ar livre, incorpora o sol: ela é agora a borboleta. Passa a ser, simbolicamente, um êmulo do sol, adquire o poder sedutor e nocivo do sol dos trópicos, no esquema simbólico do romance. Deixa o lugar metafórico da flor, que é o da feminilidade, e assume o da borboleta, que é o poder fecundante masculino. Torna-se, por assim dizer, uma versão em nível mais elevado de Rita e Léonie: sedutora como a natureza tropical, mas não seduzida; uma predadora- como sugere o nome de sua mentora e parceira- e não mais uma presa. (Franchetti, 2014, p.50)

A sensualidade de três personagens femininas deste romance é evidenciada: a de Rita Baiana, a de Pombinha e a de Léonie. A Rita Baiana é o símbolo da mulher brasileira, a Léonie é a prostituta estrangeira elegante e cheia de mistérios e a Pombinha é uma moça virginal que faz uma transição radical- de “flor do cortiço” para a cortesã desejada por todos os homens ricos do Rio de Janeiro; estas três mulheres são em algum momento da narrativa comparadas a serpentes, como se a sensualidade e a sexualidade feminina fossem uma espécie de veneno, um elixir perigoso. De acordo com Paulo Franchetti (2014) a Léonie e a Pombinha conseguem dominar a sua lascívia e transmutá-la em uma ferramenta de trabalho para a obtenção de dinheiro e assim se distanciam da escravidão ao natural e do determinismo do meio - o cortiço, a Rita Baiana não vivencia este processo e é dona da sua luxúria,

gastando-a com quem bem entende, mas é também dominada por esta mesma volúpia: “Nesse sentido, Pombinha e Léonie estão na mesma categoria de João Romão, que tampouco sucumbe aos encantos da natureza tropical nem aos próprios instintos e que, pelo contrário, subordina ambos à paixão maior do dinheiro.”(Franchetti, 2014, p.50)

Em outro trecho o autor prossegue com a construção de um paralelo entre a Pombinha e o capitalista selvagem João Romão :

O que diferencia Romão e o coloca, de certa forma, no mesmo nível de Pombinha, é que ele é antinatural, apenas cálculo e ambição. Por isso mesmo ele aparece como imune aos encantos da natureza brasileira. Melhor diríamos talvez: indiferente a ela. Na verdade não há em João Romão qualquer comprazimento no gozo dos sentidos. Mesmo quando se torna capitalista, o prazer lhe aparece basicamente como um símbolo da ascensão social. (Franchetti, 2014, p.51)

Sobre esta busca desenfreada pela riqueza e pela ascensão social, deixando em segundo plano o prazer e o gozo dos sentidos, neste trecho em que Aluísio descreve a Pombinha e a Léonie no exercício do meretrício, subtende-se que o sexo é mais um artifício utilizado para tirar “todo o dinheiro que a vítima pudesse dar de si” do que uma caça pelo gozo e que a Pombinha, assim como a Léonie, tornou-se perita no ofício para conseguir extrair lucros até do homem mais avarento. Subentende-se também que a clientela não era composta por homens sexualmente atraentes para as duas mulheres jovens, bonitas e desejadas - eram os velhos desfibrados e os gordos sensuais, porém enriquecidos pela política e pela lavoura de café - o que mais uma vez reforça que o dinheiro estava acima do prazer e da luxúria.

(...) à noite, no teatro, em um camarote de boca, chamavam sobre si os velhos conselheiros desfibrados pela política e ávidos de sensações extremas, ou arrastavam para os gabinetes particulares dos hotéis os sensuais e gordos fazendeiros de café, que vinham à corte esbodegar o farto produto das safras do ano, trabalhadas pelos seus escravos. Por cima delas duas passara uma geração inteira de devassos. Pombinha, só com três meses de cama franca, fizera-se tão perita no ofício como a outra; a sua infeliz inteligência, nascida e criada no modesto lodo da estalagem, medrou logo admiravelmente na lama forte dos vícios de largo fôlego; fez maravilhas na arte; parecia adivinhar todos os segredos daquela vida; seus lábios não tocavam em ninguém sem tirar sangue; sabia beber, gota a gota, pela boca do homem mais avarento, todo o dinheiro que a vítima pudesse dar de si. (Azevedo, 2012, p.348)

Pombinha e Léonie desfrutavam da sua sexualidade e da sensualidade em uma época que desprezava e condenava essas manifestações femininas, mas de uma forma diferente de Rita Baiana e de Leocádia, elas fizeram disso um negócio que as proporcionava uma vida opulenta. Pressupõe-se que as duas encontravam o real gozo dos sentidos entre si, porque além de colegas de profissão, viviam juntas como amantes. São duas personagens muito transgressoras, além de prostitutas, mantinham uma relação homoafetiva na época do Brasil oitocentista.

A Pombinha, antes de se tornar prostituta e de se unir a Léonie, já tinha o seu destino traçado pela mãe que almejava para a filha o casamento com o João da Costa, esta união as salvaria da miséria do cortiço, mas antes mesmo de acontecer ela já a repudiava: “E não obstante, até então, aquele matrimônio era o seu sonho dourado. Pois agora, nas vésperas de obtê-lo, sentia repugnância em dar-se ao noivo, e, se não fora a mãe, seria muito capaz de dissolver o ajuste.” (Azevedo, 2012, p. 239)

A “flor do cortiço” percebe tardiamente que não amava o passivo e resignado noivo e tampouco desejava um matrimônio para lhe salvar a vida, porém, não teve coragem de desfazer todos os planos tão repentinamente. Ela se deu conta que não precisava se casar para ascender financeiramente, a aspiração burguesa do casamento como a única saída já não lhe persuadia.

A Pombinha é uma mulher diferente das demais moradoras do cortiço porque escapa das privações da pobreza por meio da razão, não é uma personagem essencialmente determinada pelo meio. Ela se casa, mas rejeita o noivo e as ideias do casamento, une-se à Léonie e se torna uma prostituta de luxo, não se resigna a um homem e a vida doméstica, através das relações com vários homens ricos constrói para si uma existência opulenta, torna-se uma provedora arcando com todas as despesas da mãe e fazendo caridade aos moradores do cortiço, seus antigos vizinhos. Em um trecho da obra, Aluísio Azevedo desvela este lado racional de Pombinha:

(...) surgiu-lhe então uma ideia bem clara da sua própria força de seu próprio valor.

Sorriu.

E no seu sorriso já havia garras.

Uma aluvião de cenas, que ela jamais tentara explicar e que até aí jaziam esquecidas nos meandros do seu passado, apresentavam-se agora nítidas e transparentes. Compreendeu como era que certos velhos respeitáveis, cujas fotografias Léonie lhe mostrara no dia em que passaram juntas, deixavam-se vilmente cavalgar pela loureira, cativos e submissos, pagando a escravidão com a honra, os bens, e até com a própria vida, se a prostituta, depois de os ter esgotado, fechava-lhes o corpo. E continuou a sorrir, desvanecida na sua superioridade sobre esse outro sexo, vaidoso e fanfarrão,

que se julgava senhor e que no entanto fora posto no mundo simplesmente para servir ao feminino. (Azevedo, 2012, p.237)

Através da Léonie e das suas próprias reflexões Pombinha percebe o poder natural que possui sobre os homens, se dá conta de que o sexo é uma arma poderosa que tem nas mãos e que a sua rica amiga Leónie faz parte deste universo, se valendo disso para ter os homens mais poderosos em suas mãos e desfrutar do luxo que eles as proporcionam.

A doce moça se enoja rapidamente do casamento e do marido, ele era um homem muito passivo a quem ela não poderia amar e ser fiel, acaba por cometer adultério traindo-o com um poeta boêmio, pode-se perceber que o sonho do matrimônio era mais da Dona Isabel que da Pombinha, ela via na filha uma espécie de trampolim para se mudar do cortiço e ter uma vida melhor. Mais uma vez a Pombinha se mostra uma figura transgressora, porque o adultério não era esperado de uma mulher naquela época, sobretudo daquela que era tida como a personificação de um anjo.

Todas essas transformações vividas por Pombinha ao longo da narrativa mostram que o ideal burguês da mulher que é criada para o casamento é, na verdade um fracasso, e não apenas o casamento de Pombinha demonstra isso, há outras personagens do cortiço que exemplificam isso por suas atitudes transgressoras (adultério, vivência de uma sexualidade desprendida): Leocádia, dona Estela, das Dores, Rita Baiana, etc..

A Pombinha surge como uma moça delicada, inocente e frágil e ao longo da narrativa se transforma em uma mulher sensual, prostituta e dona do seu destino, isso faz com que seja uma das personagens mais surpreendentes da obra. Quando Aluísio Azevedo escreve: “A serpente vence afinal” está apontando a influência das forças do meio sobre a Pombinha, o determinismo que transforma completamente o indivíduo e é maior que o seu próprio desejo-ela cresceu assolada pela pobreza, mas nutria o desejo por uma vida melhor, sempre se

destacou entre os moradores do cortiço pois, frequentou a escola, tinha modos delicados e naquela época encontrou na prostituição um caminho para ter liberdade e uma vida luxuosa, felizmente ela encontra a prosperidade neste ofício (porque as pesquisas de Rago mostram que nem todas as prostitutas conquistavam este espaço na sociedade, as mulheres do baixo meretrício não tinham estes mesmo privilégios das do alto meretrício).

5 Conclusão

O desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso possibilitou uma rica reflexão sobre a história da mulher no Brasil e trouxe uma explicação contundente sobre o porquê desta sociedade ser tão misógina. Muito ainda precisa ser feito para mudar as estruturas enferrujadas e anacrônicas, esses inúmeros muros que separam a mulher da sociedade e a relegam a um papel inferior precisam ser derrubados.

Se o assunto principal desta pesquisa: “a prostituição” ainda hoje é um tabu, no Brasil Império era ainda mais interdito. A obra “Os prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo” de Margareth Rago foi de grande vália para analisar o romance *O Cortiço* de Aluísio Azevedo e a gênese das relações que compreendem, implícita e explicitamente, a prostituição e que se desenvolvem no enredo da obra e de forma ampla acerca da sociedade do Rio de Janeiro do século XIX como um todo. Foi possível construir uma linha do tempo sobre a história da mulher no Brasil, a entrada da mulher na esfera pública após a modernização da sociedade, os papéis que a ela eram atribuídos, a figura transgressora das mulheres prostitutas brasileiras e imigrantes em uma sociedade dominada por homens e que cerceava a presença pública feminina e os discursos médicos e policiais que delineavam a existência da mulher prostituta, o que propiciou uma maior compreensão sobre o tema pesquisado.

A análise da obra *O Cortiço* com base nas referências bibliográficas consultadas foi prolífica, várias partes do enredo sobre a prostituição, a vida das mulheres e a influência do meio no indivíduo foram destacados e facilmente percebidos após as leituras e pesquisas realizadas. Estudar um assunto que é comumente tão carregado de estereótipos negativos e preconceitos é também uma oportunidade de aprender, transformar a forma de pensar sobre

os outros modos de existir no mundo e de viver em sociedade, isso é enriquecedor não apenas ao nível acadêmico, mas também ao pessoal.

A prostituição é um universo, é mais que a venda do sexo, é uma forma de relação humana - um dos exemplos se explicita quando Rago descreve as rodas boêmias em que os homens se reuniam com as prostitutas estrangeiras para conversarem e aprenderem sobre a modernidade e cultura européia. No geral, há um reducionismo ao redor desta profissão, porque é vista, exclusivamente, como o comércio maquinal do corpo.

No Brasil oitocentista havia o baixo meretrício e o alto meretrício (prostituição de luxo), no baixo meretrício as mulheres enfrentavam a violência dos clientes, das cafetinas, da polícia, eram mal remuneradas, estavam mais submetidas ao risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis, entre outras desventuras. Mas no alto meretrício, frequentado por Léonie e Pombinha, viviam uma vida de luxo sustentada por coronéis e políticos ricos, mantinham com eles relações à semelhança do casamento burguês- estes homens abastados alugavam casarões para elas e as mantinham em uma vida luxuosa.

A prostituição não possui uma única faceta cruel e triste, da mulher pobre, desviada e sem alternativas que acaba se prostituindo para ter meios de sobrevivência, para muitas mulheres se trata de uma escolha, para outras é uma transgressão, para algumas é um meio para se ter uma vida luxuosa, etc.. O ser humano é complexo em suas escolhas, a prostituição nada mais é que uma profissão que enfrenta muitos preconceitos, porque envolve o sexo, a mulher comercializando o seu corpo e obtendo dinheiro (a sexualidade feminina sempre foi um tabu, alvo de controle e julgamento, uma mulher que atua em uma profissão sexual vai muito contra tais “regras”, por isso a demonização deste ofício).

Aluísio Azevedo tratou do assunto “prostituição” de uma maneira positiva, visto que as personagens Léonie e Pombinha circulavam pelo alto meretrício do Rio de Janeiro, eram

prostitutas de luxo e donas do seu destino. Em Léonie e Pombinha é possível enxergar que encontraram na prostituição um meio para viver de forma opulenta, são duas figuras femininas transgressoras e sagazes.

É interessante pensar que ao longo da narrativa, não há julgamentos dos moradores do cortiço contra a Pombinha e a Léonie, o que dá a entender que naquela época era a burguesia quem perseguia moralmente as prostitutas- os jornalistas, a polícia e os médicos que com os seus discursos as estigmatizavam no que tange às doenças venéreas e aos vícios em geral.

Outro ponto interessante é a reflexão sobre a figura da prostituta como um ser que mostra à sociedade novas formas, novas práticas de vivenciar a sexualidade, tão controlada pelos preceitos religiosos cristãos e burgueses em uma sociedade retrógrada como o Brasil Império.

É de se admirar também a coragem destas mulheres que “quebravam as regras” no século XIX, reivindicando o seu espaço e a sua independência em uma sociedade que estava começando a se abrir para a entrada feminina na esfera pública, mas ainda acreditava que a rua era dos homens. Infelizmente na densa pesquisa de Rago há vários relatos de atrocidades cometidas contra as prostitutas (e hoje ainda há), mas em pensar no que elas se arriscavam naquela época em que não havia nem mesmo leis que puniam os crimes contra as mulheres, há que se respeitar a resistência feminina.

Aluísio situa Léonie e Pombinha como dois personagens que escapam ao determinismo do meio e do efeito da natureza em seu destino, pois elas sabem usar e controlar os seus instintos sexuais para a obtenção de riqueza. Não desfrutam do sexo de forma livre nem de forma animalesca, como alguns outros personagens da obra e isso as diferencia dos demais.

A rejeição do casamento burguês e da vida de dona de casa é também um ato que as diferencia dos demais personagens, porque o comum naquele ambiente era que a mulher se casasse, fosse mãe e cuidasse do marido e das obrigações domésticas, mas elas escolhem um caminho completamente antagônico a este para trilhar. Isso mostra que carregavam dentro de si uma essência livre, porque naquela época não havia muitas mulheres vanguardistas em quem se inspirar, mas ainda assim elas trilham um caminho de liberdade.

Por fim, a prostituição é uma profissão e não deve ser demonizada, assim como não deve ser romantizada. É preciso estudar, pensar, pesquisar sobre este tema, olhar a pessoa como sujeito e não apenas como mais um membro de um grupo marginalizado, desconstruir os diversos preconceitos que a sociedade engendra a respeito deste assunto, abandonar a visão de que todas as prostitutas precisam ser salvas, de que são mulheres que estão lá porque não encontraram nada melhor na vida, de que é uma profissão perigosa e parar de culpabilizar a mulher pelas violências a que é submetida, pois o que realmente pode oferecer mais segurança e oportunidades às mulheres não são estes clichês e sim a existência de uma sociedade igualitária e não misógina - o que soa utópico.

6 Referências

- Azevedo, A. (2012). *O Cortiço*. Ateliê Editorial. (Obra original publicada em 1890)
- Chalhoub, S. (1996). *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. Companhia das Letras.
- Franchetti, P. (2012). Apresentação. Prefácio. In: Azevedo, A. (2012). *O Cortiço*. (pp. 9-60). Ateliê Editorial. (Obra original publicada em 1890)
- Mendes, L. (2005). Na lama forte do vício de largo fôlego: Naturalismo e prostituição no Brasil. *Cadernos Neolatinos: Émile Zola e o Naturalismo*, 1. <https://silo.tips/download/na-lama-forte-do-vicio-de-largo-folego>
- Rago, M. (1991). . *Os prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo*. Paz e Terra.
- Santos, A.M.D. (2005). *Uma convergência entre naturalismo e psicanálise, mediante análise de um personagem de Aluísio Azevedo* [Published Version, Universidade Estadual da Paraíba]. <http://tede.bc.uepb.edu.br/tede/jspui/handle/tede/1754>